

TRADUÇÃO COMENTADA DO ARTIGO “PEDAGOGIA VISUAL / SINAL NA EDUCAÇÃO DE SURDOS”, DE ANA REGINA CAMPELLO

Sandra Maria Diniz Oliveira Santosⁱ

Ronice Muller de Quadrosⁱⁱ

RESUMO: Este trabalho consiste numa tradução comentada sobre o processo de tradução realizado por mim. O trabalho inicia primeiramente com a tradução da tese de doutorado de Ana Regina Campello com o tema: Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. A tradução para Língua de Sinais realizada, seguirá de uma análise tecendo comentários destacando as dificuldades e tomadas de decisões que servirão para repensar com cautela na complexidade individual de cada trabalho que se vai traduzir. O texto é em língua portuguesa e apresenta um aspecto relevante, visto ser o português uma língua de modalidade oral-auditiva e distinta da Língua de Sinais, de modalidade visual-gestual. Na realização da tradução é necessário estar atento a questões específicas como, por exemplo, os aspectos culturais e linguísticos do texto de partida e do texto de chegada. Como base teórica utilizou-se ideias de teóricos como Paulo Rónai, Jakobson, Souza Junior, Guerini e outros. Entendemos que a tarefa de traduzir não é uma tarefa simples e não é sustentada pela ideia apenas de saber duas línguas. O ato de traduzir envolve processos desde o conhecimento linguístico à competência tradutória, além do envolvimento do intérprete com a cultura do público alvo. O conhecimento que envolve todo o processo de tradução/interpretação, a escolha linguística e tomada de decisão são fatores relevantes que ajudam o intérprete a estabelecer uma ordem no processo mental, favorecendo um melhor desempenho durante a atividade de tradução.

Palavras-chave: Tradução. Interpretação. Língua de sinais. Imagética.

COMMENTED TRANSLATION OF THE ARTICLE “VISUAL PEDAGOGY / SIGNAL IN DEAF EDUCATION”, BY ANA REGINA CAMPELLO

ABSTRACT: This work consists in a commented translation about the translation process performed by me. At first it begins with the translation of the PhD thesis of Ana Regina Campello with the theme: Visual Pedagogy / Signal in Deaf Education. The translation into sign language performed, followed by an analysis commenting and highlighting the difficulties and making decisions that will serve to reconsider carefully the individual complexity of each work that will be translated. The text is in Portuguese and has a relevant aspect, considering that the Portuguese language is an auditory-oral and visual-gestural modality, distinct from sign language. By translating is necessary to be aware of specific issues such as the cultural and linguistic aspects of the source text and target text. As theoretical basis we used the ideas of theorists such as Paulo Rónai, Jakobson, Souza Junior, Guerini and others. We understand that the act of translating is not a simple task and is not sustained by the idea of just knowing two languages. The act of translating involves processes from linguistic knowledge to translation competence, besides the involvement of the interpreter with the culture of the target audience. The knowledge that involves the whole process of translation / interpretation, linguistic choice and decision making are important factors that help the interpreter in order to establish a mental process, favoring a better performance during the activity of translation.

Keywords: Translation. Interpretation. Sign language. Imagery.

ⁱ Graduada em Letras – LIBRAS (UFPB). Professora-tutora de LIBRAS EAD (UFPB Virtual). E-mail: sandradinizz@hotmail.com

ⁱⁱ Doutora em Linguística e Letras (PUC-RS). Estágio pós-doutorado pela University of Connecticut (EUA).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na análise interpretativa de um texto da língua portuguesa para Língua de Sinais, objetivando o desenvolvimento de técnicas de interpretação a partir das etapas desenvolvidas envolvendo aspectos metodológicos, comentários sobre a tradução acompanhados de justificativas embasadas em teorias voltadas à área de tradução e interpretação.

A origem da palavra “traduzir” vem do latim *traducere* que significa "conduzir além". Historicamente não existe uma data exata do início da tarefa da tradução. Os relatos apenas mostram que essa tarefa surgiu da relação entre os povos desde a antiguidade.

A tradução nasceu da necessidade de entendimento entre os povos, uma vez que ela tem o poder de levar alguém além das fronteiras linguísticas e culturais, como nos mostram os fatos históricos que ultrapassaram séculos. Em *Estudos da Tradução I – UFSC (2008)*, podemos encontrar um fato histórico ocorrido Brasil. O texto relata a tarefa do primeiro ato tradutório através de Afonso Ribeiro que fazia parte da frota de Cabral e foi designado para intermediar a comunicação entre os índios e os portugueses. Desde então muitas teorias sobre tradução foram surgindo, cada uma com seus comentários e suas estratégias, as quais foram evoluindo de acordo com a época e com as novas descobertas. Atualmente são várias as teorias sobre tradução/interpretação inclusive das línguas de sinais para as línguas orais abordando seus aspectos linguísticos.

Bartholamei Junior e Vasconcelos (2008) destacam James S. Holmes como precursor dos estudos da tradução numa perspectiva acadêmica. A partir daí várias produções surgiram em todos os níveis, os quais foram ao longo dos anos fortalecendo os estudos da tradução. Nesses estudos o significado de tradução/interpretação tomou novo sentido, descrevendo o ato de traduzir/interpretar como uma tarefa que envolve o ato cognitivo-linguístico, a interação comunicativa, processamento das informações na língua fonte para língua alvo e o desafio de intermediar a comunicação entre línguas distintas em vários aspectos, inclusive línguas com modalidades diferentes, como o caso das línguas de sinais e línguas orais.

1 A TAREFA DO TRADUTOR/INTÉRPRETE

Muitos entendem de que a tarefa de traduzir é uma tarefa simples sustentada apenas pela ideia de que importa apenas saber duas ou mais línguas, alimentando-se de que o

tradutor/interprete é suficientemente bom para traduzir a língua que aprendeu em qualquer contexto. Porém sabemos que o ato de traduzir/interpretar envolve além do conhecimento linguístico, a competência linguística e o envolvimento do intérprete com a cultura das línguas envolvidas. Sendo assim, a tradução não pode ser vista como uma tarefa mecânica, uma vez que envolve muito mais do que o sistema de signos linguísticos, envolve o contato com o espaço cultural, conhecimento sobre a identidade e a valorização da alteridade dos povos das línguas envolvidas no processo tradutório, pois de acordo com Theodor.

A tradução não consiste, portanto, simplesmente na transferência de um código monossistemático para outro do mesmo tipo, mas de um processo de procura de equivalência entre desvios, por vezes extremamente complicados, desses códigos, que vêm a ser polissistemáticos. Daí dizer-se que o tradutor jamais é apenas bilíngue. Tem de ser plurilíngue para poder levar a cabo a sua tarefa e dominar as várias modalidades de expressões, a ponto de permitir-se malabarismos, muitas vezes indispensáveis no exercício de sua profissão. (THEODOR, 1976, p.20).

A área de tradução da Libras no meio acadêmico tem sido mais intensificada e por isso os estudos sobre o processo de tradução da Libras e sobre o profissional intérprete tornou-se foco de alguns estudiosos, isso tudo por causa da comunidade surda que reivindica o direito de ter acesso às informações em todos os espaços públicos. Neste sentido, os intérpretes de língua de sinais emergem dentro de um contexto que mobiliza a mudança social, uma vez que esse profissional passa a fazer parte de um processo de construção social numa perspectiva bilíngue.

De acordo com Jakobson – 1975 a tradução pode ser classificada em três aspectos: Tradução interlingual, tradução intralingual e tradução intersemiótica, e esses aspectos devem ser reconhecidos pelo profissional interprete de Libras, visto que o conhecimento adquirido vai servir como subsídio para a construção de uma interpretação efetivamente de qualidade. Outro fator importante sobre os aspectos tradutórios é a neutralidade, discussão que permeia os estudos tradução, e deve fazer parte do ato interpretativo bem como a invisibilidade, a ética e a fidelidade, os quais devem funcionar como via de regra para o tradutor interprete de Libras, pois de acordo com Pereira (2008),

Ser intérprete é ser, intrinsecamente, um profissional atormentado por ter que estar presente no ato de linguagem e fingir-se invisível, algo ainda mais difícil para um intérprete de uma língua que é percebida prioritariamente pelo canal visual e, por não poder ser o “eu” nem o “tu” plenamente, por estar sempre em uma posição instável e escorregadia de um simbiótico locutor-interlocutor.

2 APRESENTAÇÃO DO TEXTO ORIGINAL

O texto interpretado foi o trabalho da tese de doutorado da autora Ana Regina Campello em 2008, transformado em capítulo publicado no livro Estudos Surdos II, tendo como orientadora a professora Dr^a Silvia da Ros. A autora tem vários estudos voltados à área da Linguística com foco na Sociolinguística defendendo temas como: Língua de Sinais, Educação dos Surdos, Educação Inclusiva, intérprete de língua de sinais, comunidade surda e defesa dos Direitos dos Surdos.

Na atualidade muito se tem falado sobre as linguagens não verbais, dando-se ênfase em especial à linguagem imagética envolvendo vários suportes que incluem o próprio corpo, muros, telas, cadernos escolares entre muitíssimos outros.

A pedagogia, acompanhando as tendências da chamada Sociedade da Visualidade, desdobrou-se em diferentes subáreas presentes na pedagogia dos cegos, na educação artística, na comunicação, na informática, na estética, na fotografia, pinturas e outros, na formação e na preparação da graduação de “professores artistas” para o Ensino Fundamental e Médio, além da pedagogia visual e a educação de surdos. A ciência antiga apenas descrevia as coisas, os fenômenos ou acontecimentos. A ciência moderna, com novos métodos e objetivos, “não apenas descreve como as coisas são, mas principalmente como as coisas funcionam” (FEITOSA 2004, p. 69). Dentro da própria modernidade, muitas teorias foram produzidas discutindo o estatuto do que se considera científico e dos métodos de produção do conhecimento. Na contemporaneidade, a relação entre ciência e filosofia apresenta outra nuance.

A proposta agora não é simplesmente servir, mas fazer um ruído incômodo, tal como um zumbido, no ouvido do cientista, como que lembrando a ele que seu discurso não está totalmente livre de ideologias políticas, sociais e culturais. Não se trata de diminuir o valor da ciência, responsável por inúmeros avanços tecnológicos, mas de relativizar a sua pretensa supremacia (FEITOSA, 2004, p. 75).

É na contemporaneidade que se destaca a presença de novos discursos. Vimos na sociedade da visualidade, da esteticização da realidade, da transformação do real em imagens, cujas consequências para o homem contemporâneo poderão ser a do anonimato sobre o pessoal, a do imaginário sobre o real (Jobim e Souza, 2000). É o caso da Língua de Sinais Brasileira – LSB, reconhecida como língua oficial pela lei 10.436/02. Com características

viso-espaciais, a LSB inscreve-se no lugar da visualidade e, sem dúvida, encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais e às práticas sociais.

Historicamente, não há registro que documente o processo educacional das pessoas surdas antes do século XVI, por serem sujeitos ágrafos, devido à sua diferença da língua, mas o certo é de que não havia escola especializada para surdos. Nos Estados Unidos, há atualmente uma universidade para surdos, a Gallaudet University – Washington. Porém, como este não é o caso da maioria dos países e como a interação surdo-ouvinte em uma mesma sala de aula pode ser bastante satisfatória, é necessário que o surdo tenha acesso a um intérprete e LSB.

A língua de sinais, a qual reflete a importância da imagem visual e suas implicações, tem assegurado o reconhecimento do direito linguístico dos surdos, além do acesso a política, a cultura, a língua escrita, o trabalho e a educação nas diversas esferas federais, estaduais e municipais.

Estudos sobre a teoria da tradução na área acadêmica são estudos muito recentes, muito embora a tradução seja uma tarefa antiga e, portanto uma área bastante pesquisada como mostram as pesquisas arqueológicas com achados de escritas em tijolos feitos antes da era cristã. Ao longo dos séculos a prática tradutória foi-se disseminando por todo o mundo a partir de traduções feitas para o latim, e grego e assim por diante. Na Idade Média a tradução sofre influência do movimento renascentista, o qual até hoje influencia a área. A partir daí começa um processo evolutivo quanto às concepções teóricas sobre o processo de tradução e interpretação e que resultou em várias teorias sobre a prática de traduzir e interpretar ligados a vários aspectos como: fidelidade ao texto de partida e ao texto de chegada, aspectos culturais relacionados as língua envolvidas, sistema gramatical da língua de partida e língua de chegada.

Guerini (2008) postula que, não há atividade linguística sem tradução e que a tradução perpassa todo aprendizado linguístico. Porém, só a partir do século XX o ato tradutório aparece como atividade importante que podia promover o intercâmbio entre os povos de diferentes línguas.

Paulo Rónai (1976, p. 3-4) questionando sobre o significado de tradução nomeia a tarefa de “Tradução Naturalizadora”, uma vez que a atividade tradutória tem o poder de conduzir uma obra estrangeira a um ambiente linguístico distinto adaptando o texto aos aspectos culturais e linguísticos da língua de chegada. Portanto, afirma Gueneri (2008) que:

a tradução é necessária porque os seres humanos falam diferentes línguas e também porque ela está presente em diferentes situações e pode variar, por exemplo, entre homem e mulher, criança e adulto, entre classes sociais diferentes ou ainda na linguagem gestual.

Podemos citar como exemplo o português lusitano e o português brasileiro que diferem em vários aspectos. Portanto, uma obra de um autor de Portugal seria apreciada com dificuldade por um leitor brasileiro, uma vez que apesar da língua ser “português” possui diferentes sistemas linguísticos e necessitam de uma tradução.

Com a evolução nos estudos da tradução surge várias teoria a respeito do assunto. E podemos destacar autores como Jakobson e Rónai que fazem referencia aos tipos de tradução que conhecemos como, por exemplo, a tradução intralingual, tradução interlingual e tradução intersemiótica.

Jakobson apresenta a tradução intersemiótica como um dos estudos mais promissores nos estudos da tradução. Esse tipo de tradução acontece frequentemente entre um sistema e verbal e não-verbal como nas histórias em quadrinhos, na ficção que se torna filme no cinema, ilustrações de livros etc.

Guerini (2008) afirma que a passagem de um texto para outro sistema pode ocorrer quando um tradutor conduz um texto de partida a um ícone de chegada usando a pintura, o desenho, imagem animada, foto etc.. Posteriormente outros tipos de tradução são apresentados como: tradução automática que surgiu na década de 50, tradução simultânea e tradução consecutiva.

Heindermann (2009) destaca o conhecimento linguístico como fator relevante no processo de tradução/interpretação. Ele afirma que é natural que um texto sofra alterações de informações durante o processo de tradução, considerando a diferença linguística e cultural do texto de chegada. O gênero textual também é mencionado pelo autor como sendo aquele que define a identidade de texto. Portanto, é importante que o tradutor/intérprete tenha conhecimento dos diferentes gêneros e tipos de textos. De acordo com Heindermann (2009) “Na hora de definir um gênero textual ou um tipo discursivo fica óbvia a urgência de uma grande precisão. Esta precisão terminológica é igualmente necessária na tradução-interpretação”.

3 ANÁLISE TEXTUAL

O tema do artigo Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos é um tema que explora bastante os recursos visuais, a qual a autora refere-se como imagética visual, por isso a preocupação em ser fiel ao texto fonte na interpretação dos trechos em que menciona o corpo como recurso visual para expor o conteúdo. Sendo os educadores como público alvo, a busca por equivalentes para Língua de Sinais para manter a fidelidade ao texto e uma interpretação qualitativa. O mapeamento e análise do texto de partida foram fundamentais para levantamento e planejamento da tradução, para o qual as pistas visuais serviram como recurso facilitador para as tomadas de decisões, a fim de tornar o texto de chegada claro e objetivo para o leitor.

Um fator de bastante relevância foi à consideração da modalidade linguística do texto de partida, visto que a Língua pelo qual foi escrito é de modalidade distinta do texto de chegada, a qual uma é de modalidade oral-auditiva e outra de modalidade visual-espacial.

Considerando que o texto original é um texto acadêmico voltado para área educacional, os equivalentes linguísticos para a língua de chegada foram surgindo, ao passo em que ocorreu a investigação do texto, buscando técnicas de interpretação a fim de manter a originalidade do texto de partida.

Outros fatores foram relevantes no planejamento da tradução como: Contato constante com a cultura e língua do público alvo, conhecimento da área para a qual foi escrito o texto de partida e a busca por adequação entre os dois textos valorizando tanto a intenção do autor quanto a percepção do público alvo. Sendo assim, todo investimento na expressividade corporal fez toda diferença. Segalla firma que o interprete também é um ator, expondo o pensamento de Novak:

Os textos traduzidos para Língua de Sinais são filmados, pois é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo e as expressões, é uma língua que depende da presença material do corpo do tradutor, por isso também – ator. (NOVAK 2005 apud SEGALLA 2010, p. 31).

Com objetivo de realizar uma tradução de qualidade, confortável aos olhos do público alvo, algumas questões foram cuidadosamente observadas nesse planejamento, tais como: vestimenta adequada, pano de fundo, iluminação e maquina filmadora de boa qualidade, a fim de que o trabalho cause conforto ao leitor.

O texto também possui diálogo entre os personagens, portanto a marcação dos referentes foi fundamental para o uso correto do *role-play*. Além de todo investimento em técnicas, os recursos tecnológicos foram de grande importância para qualificar o trabalho.

Um glossário foi criado objetivando uma compreensão por parte do leitor evitando estranhamento de termos desconhecidos ou pouco usados pela comunidade surda. A elaboração do glossário partiu da leitura do texto focando a *língua de chegada*, porém levando em consideração a originalidade do *texto de partida*.

Neste caso, foram selecionados alguns termos que poderiam ser apresentados por sinal já conhecidos, neologismos e datilologia.

Pedagogia Visual (Sinal pesquisado na comunidade surda)

O uso do empréstimo linguístico sugerido por um surdo teve como objetivo tornar claro o sentido do termo a comunidade surda em geral.

Figura 1 – Apresentação em linguagem de sinais para a expressão “Pedagogia Visual”



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Linguagem não-verbal (Sinal sugerido por uma surda) – Uma vez que a linguagem não verbal tem haver da expressividade facial e corporal

Figura 2 – Apresentação em linguagem de sinais para a expressão “Linguagem não-verbal”



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Semiótica Imagética – Uso de tatilologia.

Embrião – (sinal pesquisado com os intérpretes de libras – Uso de neologismo – sinal mimético) como objetivo de tornar a mensagem de forma clara para o surdo.

Figura 3 – Apresentação em linguagem de sinais para a expressão “Embrião”



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Interdisciplinaridade – (Sinal sugerido por interprete de libras) Uso do neologismo para facilitar a compreensão do leitor.

Figura 4 – Apresentação em linguagem de sinais para a expressão “Interdisciplinaridade”



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Todo processo de tradução foi acompanhado por duas intérpretes, também alunas do curso. Tendo como referência a experiência do estágio, estabelecemos a tarefa de cada uma, ficando uma intérprete responsável pela leitura do o texto e a outra como apoio.

O texto inicia com a citação de um surdo que descreve de forma poética o sentimento de poder se comunicar livremente através da Língua de Sinais. A imagem visual que substitui os sons e lhe permite sentir emoções como qualquer outra pessoa. A preocupação com movimento das mãos e com a expressão facial que transmitisse a forma poética do texto de partida foi foco de uma discussão, visto que apresentamos um pouco de dificuldade no início da gravação.

Logo em seguida a autora Ana Regina enfatiza na linguagem imagética como ferramenta importante na área de educação. Nesse parágrafo a tradução livre foi estabelecida como a mais adequada, uma vez que os termos usados pela autora são de fácil compreensão.

O próximo parágrafo do texto descreve alguns diálogos entre alguns professores incluindo uma professora surda que usa a imagética para orientar os professores sobre uma metodologia adequada, visando o aprendizado dos surdos. Para interpretação dos diálogos procuramos colocar os personagens em pontos fixos no espaço a fim de estabelecer a concordância no texto. Outro fator importante foi o uso do *role-play*, recurso indispensável do desenvolvimento de uma narrativa.

O uso do espaço adequado foi importante na interpretação, uma vez que ele determina a concretização de uma boa produção na Libras. Neste caso, o trecho em que a professora surda cita subáreas da pedagogia, optamos por estabelecer cada área em espaços distintos. Orientação de uma das intérpretes presentes na gravação.

O uso de recursos miméticos foi uma opção para estabelecer a coerência na fala da professora surda, quando explica sobre o processo de fecundação. Em seguida apresentamos a imagética da professora para complementar e manter a fidelidade do texto.

As marcações não-manuais foram cuidadosamente observadas pela *interprete de apoio*, uma vez que determinam o nível morfológico e estrutura sintática da sentença, além de revelar as emoções e sentimentos para o interlocutor. Pizzio, Resende e Quadros (2009) afirmam que: “As marcações não-manuais também podem ser utilizadas como marcas do discurso, indicando as trocas entre os interlocutores, o fluxo da conversação”.

Os *classificadores* foram usados como forma de representar os objetos como, por exemplo, mesa e livros, além da categoria semântica, como por exemplo, o professor andando, Bianca (personagem do texto) sentada; a fim de estabelecer a concordância e possibilitar as relações gramaticais abstratas.

O desafio seguinte foi interpretar a explicação da professora surda sobre uma obra de Platão que usa a metáfora como recurso. Nesse contexto a tomada de decisão pelo acréscimo de informações foi essencial para compreensão do leitor, uma vez que alguns termos presentes no texto não fazem parte do contexto linguístico do público alvo. Além de que após citar o trecho, a professora faz as adaptações para língua de sinais, neste caso não poderíamos tornar o parágrafo repetitivo, nem fugir da originalidade do texto. Apresentamos aqui um exemplo onde utilizamos do recurso linguístico com foco na organização espacial feita na tradução:

Texto de partida: "... Quanto a terra em si mesma, pura, encontra-se situada na pura abóbada celeste..."

Texto de chegada (sinais): "Mundo espaço em cima" justificando a escolha lexical referente ao termo "abóbada celeste" de acordo com significado encontrado no dicionário Aurélio: "Céu".

Apesar de o texto ser de fácil compreensão apresentamos dificuldade na tradução da "discussão teórica", uma vez que apresenta característica de cunho filosófico profundo e a escolha de equivalentes adequados para a língua alvo nesse contexto é escasso. Portando após discussão com as duas intérpretes que acompanharam o processo de tradução, optamos por uma tradução livre, com acréscimos e omissão de informações, além de empréstimos linguísticos dos termos em português que foram decisões relevantes, a fim de tornar o texto mais acessível possível e manter sua originalidade. O uso da datilologia para termos como, por exemplo, "estetização", se deu objetivando se apropriar do empréstimo linguístico a qual é justificado por Quadro e Souza (2008).

Para interpretação dos parágrafos que falam sobre fertilização e a obra de Platão, foram inserida imagens, objetivando tornar as informações mais claras. As imagens foram recortadas do texto original e serviu como complemento para garantir a originalidade do texto de partida e levar o leitor a entender o texto de chegada.

O texto apresenta algumas ideias sobre o significado de "práxis" sendo pontuado pela autora através de uma ordem alfabética. Pela complexidade do termo foi inevitável a utilização da datilologia, considerando ser esse um dos problemas na tradução, uma vez que não encontrei um equivalente adequado para a língua alvo.

Gile (apud QUADROS e SOUZA 2008) considera a explicação uma estratégia que enriquece a tradução e ocorrem como forma de tornar o texto mais claro. Vasconcelos e Bartholamei (2008), citando o mesmo autor apresentam o processo de explicação dividido em categorias tais como: Informação induzida por questões linguísticas, informação contextualizada e informação pessoal. Neste tópico fez-se necessário a utilização dessa estratégia com objetivo de contextualizar as informações respeitando a língua e a cultura surda, em especial a comunidade surda da cidade de João Pessoa.

O capítulo seguinte foi sobre a história da educação de surdos e da língua de sinais. Sendo este, um texto que contém informações conhecida por toda a comunidade surda, uma vez que trata da sua própria historia. Os equivalentes linguísticos foram facilmente apresentados, além dos sinais criados pela comunidade surda, que ajudou na dinâmica da

interpretação. Podemos citar exemplo de sinais específicos para: Milão, oralidade, INES e outros. Meu conhecimento prévio sobre o assunto também favoreceu, porém trago em mente a ideia de Venutti que afirma:

Não importa o quanto a tradução seja boa ela nunca será o original. Tradução perde tanto características linguísticas quanto culturais do texto estrangeiro e acrescentamos outras, específicas da língua alvo (VENUTTI apud COSTA, 2006, p. 46).

Durante todo processo de tradução foram sendo inseridos vocabulários específicos, alguns pesquisados no glossário do curso de Letras Libras, outros adquiridos em contato com surdos e intérpretes e outros foram mantidos na língua de origem, visando manter a originalidade do texto.

Para uma melhor atividade interpretativa primeiramente procuramos analisar a declaração do autor para entender melhor e determinar a mensagem central do texto, princípios básicos que aprendemos na disciplina, Laboratório de Interpretação I.

A gravação do texto foi dividida dando pausas nos parágrafos, a fim de facilitar a edição e usando os cortes para eliminação dos erros.

A referência bibliográfica não foi traduzida, pois em discussão com as intérpretes presentes na gravação, julgamos ser cansativo para os surdos, além de querer incentivá-los às pesquisas para aprofundamento de conhecimentos.

As citações longas foram apresentadas com a mesma cor dos tópicos. Optamos por escolher apenas duas cores de camisa para tradução do texto para não causar excesso de informação e confusão ao leitor. As citações curtas foram feitas com a mesma cor dos textos corridos.

A iluminação deficiente foi um dos pontos negativos apresentados no texto dificultando assim, a compreensão da mensagem em alguns trechos. A deficiência teve como causa a diferença de horário em que foram feitas as gravações. Outros pontos negativos foram: repetição em excesso de alguns sinais como, por exemplo, o sinal de

“verdade” e o sinal de “combinar”. Foi uma tomada de decisão na intenção de facilitar a compreensão do leitor em algumas frases que não ficaram inteligíveis para mim, mesmo tendo estudado o texto anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a base teórica quanto as práticas nas atividades de laboratório obtidas durante o curso foram importantes na elaboração do trabalho final. Em se tratando de uma tradução, a busca por estratégias que contemplasse o texto de chegada foi um exercício de transição entre as línguas envolvidas, neste caso a língua portuguesa e a língua de sinais.

A escolha por equivalentes linguísticos entre as línguas, as dificuldades para interpretar pensamentos de cunho filosóficos sem fugir da essência do texto original e contemplar com êxito a língua alvo foram uns dos maiores desafios durante a atividade de interpretação.

A grande preocupação foi manter as características originais do texto de partida, para tal levou-se em consideração os aspectos linguísticos, culturais e a diferença na modalidade das línguas envolvidas. Portanto a leitura prévia do texto de partida para conhecer a intenção da autora serviu para elaboração de um trabalho pensando nas lacunas referentes aos aspectos gramáticas e linguísticos que separam os textos.

O contato com a comunidade surda, público alvo para o qual foi traduzido o texto foi fundamental para trazer segurança nas escolhas lexicais e tomada de decisão. Esse contato também favoreceu a indicação de alguns sinais que seriam mais adequados a fim de favorecer uma melhor compreensão do texto.

Podemos então concluir que o tradutor intérprete de Libras é um eterno pesquisador, o qual procura aprender a produzir conhecimentos.

Todas as diferenças que permeiam as duas línguas são benéficas para o desenvolvimento das habilidades na arte de traduzir, além de ensinar o tradutor/intérpretes a enfrentar problemas e confrontos entre as duas línguas. Ainda estimula a reflexões e impulsiona nosso caminhar em busca a pesquisa, tarefa que de hoje por diante deve ser rotina, uma vez que estamos nos formando no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais.

Temos de agora em diante a significativa tarefa de conduzir a comunidade surda rumo ao conhecimento por meio do processo de tradução, trabalho a nós confiado, agora profissionais da área.

Esperamos que as pesquisas e questionamentos sejam algo corriqueiro em nossa profissão e que toda experiência vivida ao longo do curso sirva de estímulo para novas pesquisas, que tragam contribuições importantes e que favoreçam a comunidade surda.

Contudo não devemos parar e nos acomodar, mas continuemos persistentes nos estudos e práticas relativos à tradução.

Somos pioneiros na formação como profissionais intérpretes comprometidos com a área de atuação, a interpretação em Libras, envolvimento com o discurso e com a língua em uso. Conceito que devemos levar eternamente em nossas mentes e corações.

REFERÊNCIAS

BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A.; VASCONCELOS, M. L. *Estudos da Tradução I*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2008.

_____; FERNANDES, L. P. *Estudos da Tradução II*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2008.

CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual / Sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. *Estudos surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul: 2007. p. 100-131.

COSTA, M. V. G. *Tradução comentada do conto Lizards in Jamshyd's Courtyard, de Willian Faulkner*. 2006. 54f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FEITOSA, C. *Explicando a filosofia com arte*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

FERNANDES, L. P; BARTHOLAMEI JUNIOR, L. A. B. *Estudos da Tradução II*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2008.

GUERINI, A. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2008.

HEIDERMAN, W. *Estudos da Tradução III*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2009.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

NORD, C. Fatores externos e internos presentes no Modelo de Tradução Orientada para Análise de Textos, 1991.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 21, p. 135-156, 2008.

_____. Teoria da tradução. In: FARIA, E. M. B.; ASSIS, M. C. (Org.). *Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas*, João Pessoa: EdUFPB, 2011.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. *Língua Brasileira de Sinais II*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2009.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. *Estudos surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul: 2007.

_____; SOUZA, S. X. *Estudos surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SEGALA, R. R. Tradução intermodal e intersemiótica/interlíngua: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. 74f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

STUMPF, M. R. *Escrita de Sinais I*. Florianópolis: CCE; UFSC, 2008.

THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

VASCONCELLOS, M. L. B.; QUADROS, R. M. (Orgs.). *Questões das pesquisas em Língua de Sinais*. Petrópolis, RJ: Arara Azul. 2008.